

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
ARTES APLICADAS COM ÊNFASE EM CERÂMICA

MARCELO WITTHINRICH DE MATTOS

MÃOS

**SÃO JOÃO DEL-REY
2013**

Marcelo Witthinrich de Mattos

**Trabalho apresentado como requisito para conclusão do Curso de Artes
Aplicadas- UFSJ**

Orientador: Professor Kleber José da Silva.

Banca Examinadora:

Professora Luciana Beatriz Chagas

Professor Ricardo Coelho

São João Del Rei – MG

Abril/2013

Agradecimentos

Agradeço

a todos que convivem comigo, toda minha família em especial meu pai Dinarthe e minha mãe Therezinha sempre dispostos a participar e ajudar. A todos os professores do curso de Artes Aplicadas que tornaram esse trabalho possível. A Mara, minha companheira e apoio dos momentos difíceis e minha filha Clara Lua, com sua luz inspiradora.

Sumário

Introdução	5
Mãos: Lembranças.....	7
Mãos: Ato Criativo.....	8
Mãos: Testemunho Social.....	10
Mãos: Caminho Criativo	11
Mãos: Caminho Técnico.....	14
Espaço Expositivo.....	17
Considerações Finais.....	18
Imagens.....	20

Introdução

Este texto tem o objetivo de relatar o processo de criação do conjunto de peças cerâmicas denominadas “MÃOS” apresentados como Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica da UFSJ.

O trabalho consiste em uma série de mãos cerâmicas, associadas a outros materiais (ferragem, madeira, objetos diversos) que formam um conjunto de peças expostas, não por acaso, ao longo da trilha de pedra construída por escravos na Serra São José. Para tal, foi pedido ao IEF (Instituto Estadual de Florestas) por intermédio da Casa das Águas, uma autorização para a instalação dos trabalhos, ressaltando-se o firme propósito de não causar nenhum impacto além do visual ao meio ambiente.

A escolha deste local se deu a princípio, por ser este conjunto de trilhas e cachoeiras um espaço de convergência de muitas memórias de minha infância e juventude. Tempos em que empreitei por diversas vezes, caminhadas e acampamentos que me fizeram perceber a importância da relação homem-natureza.

Outra questão relevante, é que a memória histórica de escravidão e riquezas que por ali passaram dialogam diretamente com minha busca por estreitar laços de percepção do Ser Humano com diversos aspectos de sua condição transitória, natural e fragmentada.

Por fim, por se tratar de uma negação consciente ao modelo de exposição artística que traz na ideia do Cubo Branco, o discurso de que aquilo que não é a obra em si, é ruído que atrapalha a fruição do público. Para mim, expor tais trabalhos em ambiente natural, é afirmação da condição visceral dos diálogos da arte com o mundo.

Como pode ser percebido ao longo deste trabalho, o foco desta série de conjuntos cerâmicos está posto não apenas na apresentação do objeto mão, como símbolo do ser humano e sua “evolução” na história. Um símbolo de suas ações, seus sentimentos, mas apoiado nos pensamentos de autores da Teoria Crítica, pensar ainda, o homem atual reduzido a “objeto”.

Algumas questões foram levantadas ao longo deste processo de criação artística e serão elas elementos norteadores da construção deste texto:

Pode este trabalho coexistir esteticamente de forma harmônica e bela com a natureza?

Pode ele apontar abusos de ordem relacional com o Meio Ambiente?

Trazer à tona sentimentos adormecidos, anestesiados ou esquecidos?

Podem nos fazer perceber a nós mesmos?

Pensando nisso, percebi que tais mãos poderiam ser vistas, analisadas, pensadas, discutidas, a partir de focos específicos, cada qual com uma especificidade e capacidade de mobilizar leituras muito distintas, mas igualmente instigantes.

Mãos: Lembranças

De minhas lembranças mais profundas, emerge um passeio, gravado em minha memória por uma foto (Fig. 1). Dava ainda meus primeiros passos. Mãos dadas com meu pai e minha mãe. Por muito tempo guardei aquela sensação. Ainda lembro daquele relógio dourado. Era a pracinha do chafariz da legalidade no centro de São João del-Rey ao lado da casa onde nasci. Ali, onde brincava nos primeiros anos de minha infância. Certamente minha mais antiga referência: mãos dadas.

Já na juventude me recordo de admirar, folhando uma revista que recebia da embaixada alemã, a escultura de Oscar Niemeyer para o Memorial da América Latina. Uma escultura em concreto representando uma mão aberta, em posição vertical, parecendo se erguer vigorosamente do chão com o mapa da América Latina pintado em vermelho como sangue escorrendo na palma.

Também é forte a lembrança da “Criação de Adão” de Michelangelo, cujo detalhe das mãos (Fig. 2) estavam pintados na porta da loja de molduras onde trabalhei quando retornei para São João del-Rey. Lá tive a oportunidade de conhecer o artista plástico Mário Mendonça (Rio de Janeiro, 1934) e o privilégio de conhecer seu trabalhos de perto. Dentre eles “Crucificação - minha mão”, uma pequena tela pintada a óleo sobre tela colada em madeira, com a imagem de uma mão transpassada por um prego (Fig. 3). Todo esse conjunto de imagens e significados estão de algum modo contidos no trabalho que será apresentado a seguir.

Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos.

Salmos 19:1

Mãos: Ato de Criação

Como elemento de criação, as mãos mostram-se na história da humanidade, tão forte símbolo que consegue ser lido abertamente por diferentes correntes do pensamento, como por exemplo as visões criacionista e evolucionista da humanidade.

A mão com um polegar opositor e a capacidade de raciocinar são as principais características que nos diferencia de outras espécies de primatas. Para Richard Sennett

“a imagem da “mão inteligente” surgiu nas ciências em 1833 quando Charles Bell publicou A mão: Católico devoto, Bell acreditava que a mão nos fora dada por Deus o Criador numa concepção perfeita, membro absolutamente adequado às finalidades a que se destinava, como todas as suas obras” (SENNETT, 2009, p. 170).

É sabido que em muitos mitos da criação do homem, em diferentes cantos do mundo, é citada a criação com o uso de materiais do solo: o pó, a terra, o barro ou a argila. Esses mitos dão força à ideia de Bell, de uma mão divina, perfeita, que nos diferencia de todos os outros seres da Terra, imagem esta recorrente em diversas crenças e que tem no livro do Gênesis, uma de suas representações mais emblemáticas:

“Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”. (Gênesis 1:26).

Possivelmente a imagem do afresco “A Criação de Adão” de Michelangelo que mostra um Adão recostado com uma mão quase sem força estendida em direção à vigorosa mão de Deus, prestes a tocá-lo e lhe transmitir a centelha divina, habitasse a mente de Bell.

Ainda segundo Sennett (2009,p.170), “na teoria evolucionista de Darwin, o cérebro do macaco se desenvolve e se torna maior à medida que as mãos

passam a ser usadas.” Então, pelo uso da mão, pela sensibilidade do tato, pelo manuseio de coisas é que o homem foi forçado a pensar e dar uma finalidade ao que segurava. Sendo assim, para os evolucionistas a mão tem uma relação direta com o aumento do tamanho do cérebro. Algumas novas teorias dão conta ainda, que a estrutura óssea da mão evoluiu não só para manusear objetos, mas também pela necessidade de golpear, revelando assim uma natureza humana agressiva e violenta. Com tudo isso, podemos imaginar nosso antepassado primata (Fig. 4), segurando um instrumento e em seguida lhe dando um uso, uma finalidade: o domínio da natureza e com a natureza o domínio do outro.

Mãos : Testemunho Social

Em meados do século XX, os pensadores Frankfurtianos, Theodor Adorno e Max Horkheimer, que vivenciaram os horrores de duas grandes guerras, do nazismo e o auge da revolução industrial, elaboram o conceito de “indústria cultural”. Antes se falava em “cultura de massa”, dando uma idéia de uma cultura que nasce espontaneamente das massas. Para Adorno e Horkheimer a indústria cultural é ao contrário, uma **imposição autoritária** de mercado visando unicamente o lucro e onde todos estamos inseridos. Para os dois pensadores, a autonomia e poder crítico das obras de arte, viriam de uma oposição à sociedade. Contudo, perderiam essa possibilidade, esse valor de contestação ao serem assimiladas por essa indústria, por esse mundo comercial. Não me cabe aqui um maior aprofundamento sobre o tema, mas uma indicação dos pontos que penso de importância para a elaboração deste trabalho.

Do nazismo, ápice do autoritarismo e terror pós-revolução industrial, é bom lembrar uma frase colocada de forma irônica sobre os portões de entrada dos campos de extermínio, que a meu ver se relaciona com esse “mercado autoritário” anteriormente citado: “Arbeit Macht Frei” (o trabalho liberta). De volta ao pensamento de Adorno e Horkheimer, na indústria cultural portanto, o homem não passa de instrumento de trabalho e de consumo, ou seja “objeto”. É esse homem, reduzido a objeto por uma cultura mercadológica, na qual valores humanos são deixados de lado a favor de lucros bancados por uma racionalidade técnica que aprisiona quando deveria libertar, que procuro representar nesse trabalho por meio dos “objetos mãos”.

“... as mãos são quase seres animados. Serviçais? Talvez. Mas dotadas de um temperamento enérgico e livre, de uma fisionomia – rostos sem olhos e sem voz, mas que vêem e que falam...”

Henri Focillon

Mãos: Caminho Criativo

Para a autora Cecília Almeida Salles (2004), a criação está em estado de contínua metamorfose e é impossível determinar o instante que desencadeia o processo criativo e seu ponto final. Entendo isso ao tentar refazer o percurso da criação desse trabalho. Percebo que a imagem das mãos aparece sem que eu possa precisar exatamente um ponto ou referência inicial. Ao passar de rabiscos, desenhos, pinturas e recortes em madeira para as possibilidades abertas pela tridimensionalidade da escultura cerâmica, surgiu um novo leque de ideias ou necessidades poéticas a serem realizadas.

Um dos primeiros trabalhos que realizei com o tema mãos, como que uma ponte entre a forma bi e tri dimensional, foram recortes de madeira e MDF, surgindo daí um trabalho em 2008, como registro de um momento pessoal: Interferon alfa (Fig. 5).

Após esse registro senti a necessidade de uma “mão” que fosse um objeto tridimensional, existindo verdadeiramente no espaço, o que estava longe de minhas possibilidades técnicas naquele momento, pois apesar de já possuir certa vicência dentro do universo da criação artística (pinturas, assemblages, desenhos) não possuía nenhum conhecimento na área de modelagem em argila.

Essa possibilidade surgiu em 2009 no início do curso de artes aplicadas, quando percebi as possibilidades da cerâmica e por meio de moldes de gesso consegui produzir as primeiras mãos em argila com um resultado a meu ver bastante satisfatório. No decorrer do curso e com uso de diferentes técnicas de queima, consegui novos e surpreendentes resultados. Escolhi as peças com a rusticidade e manchas causadas por queimas alternativas, que fazem a peça

cerâmica, em algumas vezes, se confundir com rocha, com as marcas do tempo, dos líquens e das intempéries do clima. Nada mais óbvio para mim, acostumado com as paisagens naturais da região de São João del-Rey que estabelecer uma relação com a natureza, em especial a Serra São José, com suas calçadas de pedra e muros construídos pelos escravos, cachoeiras e paredões de rocha. Vem daí a importância de conhecer e tentar compreender o trabalho de Andy Goldsworth (Reino Unido, 1956).

Andy Goldsworth trabalhou em fazendas da Inglaterra durante sua infância. Talvez venha daí a forte ligação de sua obra com a natureza. Seus trabalhos são realizados ao ar livre e são efêmeros. Goldsworth vê a transitoriedade de sua obra, como reflexo daquilo que encontra no meio natural e não a uma atitude diante da arte. Os trabalhos do Goldsworth escultor, além de utilizarem materiais como folhas, madeira, pedras se valem ainda dos movimentos das marés, correntezas e vento. Outro elemento utilizado por Goldsworth é o tempo, ao registrar seu efeito em suas obras.

O fato de seus trabalhos serem efêmeros, realizados ao ar livre muitas vezes em locais remotos e em circunstâncias particulares faz com que o artista recorra à fotografia não como o objetivo da obra mas como seu registro. Todas as obras são fotografadas logo após sua realização e muitas vezes ao serem revisitadas. As fotos têm a função de documentação do trabalho e trazem a chance de expô-lo ao público. As esculturas de Goldsworth são levadas às galerias e o público as vê mediadas pelo olhar do artista e pelos limites da própria fotografia.

Diferente de Goldsworth, (fig 6) que deixa a marca do humano na natureza, pela organização estética ou marcas de silhuetas humanas, valendo-se do que lá encontra, meu trabalho pretende levar o humano por meio dos objetos “mão” à natureza. Para isso foi importante a escolha de “mãos” que se integrem não só esteticamente, por alusão a uma possível semelhança com rochas, mas também carreguem metaforicamente o DNA, a alma, o espírito do local. Para isso as argilas escolhidas para a realização do trabalho foram extraídas do entorno da Serra São José, local onde serão expostas, criando dessa forma um vínculo especial revelando a natureza transformada.

Outro artista que colaborou esteticamente para a realização deste trabalho foi Peter Burke (Londres, 1944). Sua obra *Register*, (2003) foi realizada com

2000 mãos forjadas em ferro a partir de um molde da própria mão do artista, dispostas em uma grelha de 1m por 20m (fig.7). A obra de Burke evoca os campos de concentração da Segunda Guerra Mundial e reflete também seu interesse pela estandardização e produção em massa. Assim como em *Register*, as mãos são figuras centrais em meu trabalho. A identidade que procuro dar às mãos é universal, não de um indivíduo, raça, ou grupo. Já foi minha intenção em momentos anteriores, representar indivíduos marginalizados e minorias por meio de moldes feitos a partir das mãos desses indivíduos. Sendo assim as mãos teriam uma identidade passando a ter um caráter social. Talvez isso possa acontecer em algum trabalho futuro, mas para esse trabalho me interessa evocar nas pessoas, sentimentos de identificação em torno da sua humanidade, entendida em um contexto mais próximo à natureza, criando um contraponto ao sentimento urbano de isolamento social a que somos submetidos diariamente, permitindo assim, que todos os indivíduos se sintam identificados como Seres Humanos inseridos em um contexto desprovido de donos, rótulos e limites arbitrários.

Mãos: Caminho técnico

As mãos de cerâmica, que fazem parte deste trabalho, foram produzidas por meio de moldes em gesso. Foram utilizados quatro moldes sendo dois da mão direita e dois de mão esquerda. A argila utilizada vem de uma mistura de argilas da região próxima ao entorno da Serra São José. São argilas da região de Vitoriano Veloso, César de Pina, Colônia do Marçal e Tiradentes.

Para esta proposta, as mãos não precisam de um grau muito apurado de perfeição e delicadeza. Ao contrário, o que me interessa nesse momento são mãos que possam aparentar rusticidade. Sendo assim, fiz os moldes de minhas próprias mãos em dois tasselos e após a correção das áreas de retenção, receberam placas de argila e em alguns poucos casos barbotina.

Um fato recorrente no processo de construção dos trabalhos foi a fratura de dedos, resultado de manuseio e eventuais impactos durante o transporte, o que para mim, não configura-se necessariamente um problema já que desta forma, questões relacionadas como a fragmentação humana acabam por assim se mostrar de maneira mais literal, mas não menos poéticas. Bom lembrar que, por ser este trabalho uma instalação em local de difícil acesso, o transporte das peças será dificultado e mesmo sendo inevitável a ocorrência de impactos durante o transporte, manuseio e exposição das mesmas, conseguimos por meios de diferentes tipos de queimas, equilibrar de forma satisfatória os efeitos plásticos presentes nos trabalhos, com uma resistência mecânica capaz de suportar maiores tensões. Logo no início da confecção das peças cerâmicas, percebemos que a maioria das mãos, que sofreram fraturas foram queimadas no forno elétrico a uma temperatura de 900°C.

Como bolsista de iniciação científica com o projeto “Estudo da Sinterização das Argilas do Curso de Artes Aplicadas da UFSJ” sob a orientação do professor Kurt Strecker, tive a oportunidade de trabalhar profundamente as características de argilas fornecidas pela marca Resende (branca, vermelha e porcelana) utilizadas até então pelos estudantes do curso de Artes Aplicadas, nos trabalhos práticos desenvolvidos no Laboratório Escola de Cerâmica - LEC.

Como pode ser visto no gráfico 1, a tensão de ruptura dessas argilas é mais elevada entre as temperaturas de 1100°C e 1200°C. Verdade que há uma maior retração linear (gráfico 2), o que diminuirá ainda mais o tamanho das mãos em relação ao molde original, fato que não creio interferir de modo relevante na narrativa final do trabalho .

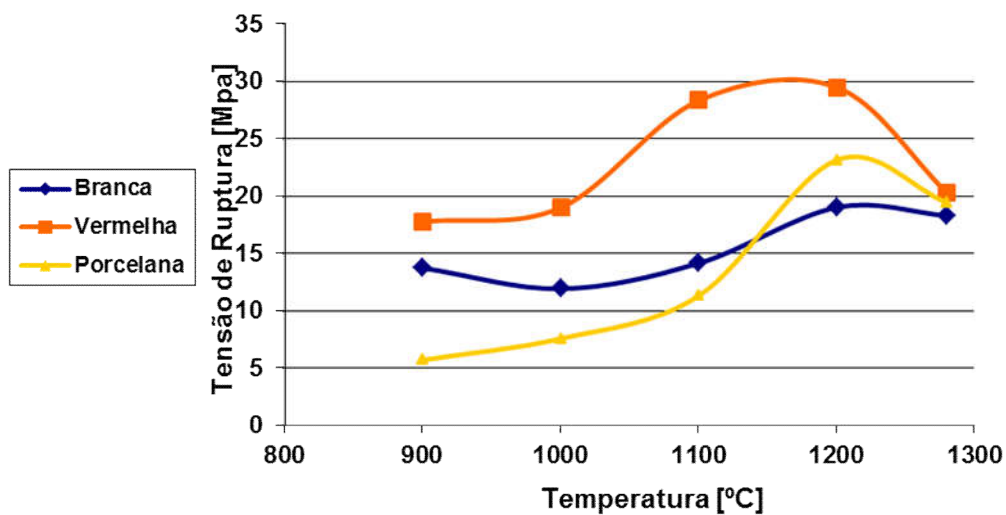


Gráfico 1: Curvas comparativas para tensão de ruptura versus temperatura

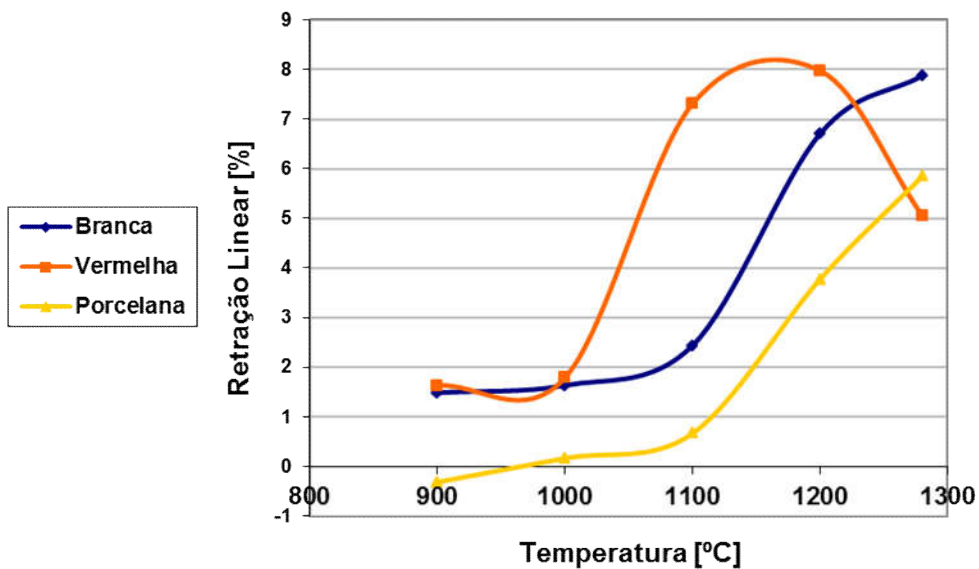


Gráfico 2: Curvas comparativas para retração linear versus temperatura.

Baseado em pesquisas anteriores com argilas da região de Vitoriano Veloso, convencido de que esta é uma tendência que pode ser aplicada também às massas cerâmicas que estou trabalhando e com o objetivo de diminuir essas fraturas, elevei a temperatura de queima para este patamar (entre 1100° C e 1200°C) na queima realizada no forno catenário da UFSJ.

Com ajuda e orientação do Prof. Kleber Silva, conseguimos aferir, utilizando um termopar, a temperatura de 1120°C.

Para os efeitos de cor, com as peças já biscoitadas, foram realizadas diversas queimas alternativas: queimas em forno de papel, queima de buraco, fogueira e tambor. As peças foram envolvidas em papel alumínio com a aplicação de óxido de ferro, óxido de cobalto e carbonato de cobre e materiais alternativos como serragem, cascas de frutas, sal grosso. Também foi utilizada queima com serragem (mufla) e algumas peças receberam apenas aplicação de graxa para efeito de cor. Foram queimadas 70 peças com algumas perdas ao longo do processo.

A confecção das peças projetadas com ferragens, que faz parte do trabalho, foi entregue à responsabilidade da oficina do serralheiro José Maurício Carazza.

Mãos: Espaço Expositivo

Todos os objetos criados para este trabalho, foram concebidos de modo a se integrarem ao caminho de pedra que parte do bairro Águas Santas (Tiradentes), em direção a Serra São José e suas piscinas naturais. Trata-se de um caminho de pedra construídos pelos escravos no séc. XVIII quando o ouro era a principal riqueza de Minas Gerais. Do seu lado direito podemos perceber campos rupestres e paredões de rocha. À esquerda um remanescente de mata atlântica encravada entre as montanhas protege o curso d'água de uma nascente localizada mais acima. É possível caminhar escutando o burburinho da água, o canto dos pássaros, o som suave da vegetação ao vento por vezes interrompido abruptamente pelo barulho de pequenos lagartos. Podemos perceber nossa respiração inevitavelmente ofegante, o coração batendo forte e o som de nossos passos no terreno irregular. Além de um bom exercício físico é também um bom local para contemplação e meditação.

O conjunto de peças cerâmicas “Mãos” foram organizados em grupos, de forma a serem expostos ao longo do caminho. Um lugar onde a relação com os objetos se propõe a acontecer de forma mais natural possível e não em função de uma atmosfera sacralizante, imposta artificialmente pelo “cubo branco” de uma galeria de arte. O observador intencional ou casual é exposto a uma experiência nova até então nesse local, longe das regras e convenções do meio social, o que sem dúvida pode se constituir em um risco. Essa experiência, onde a arte está inserida em um contexto natural, ao alcance das mãos, permitindo-lhe diferentes interpretações, pode implicar até no não reconhecimento do trabalho como arte e a uma possível depredação.

O fato de nenhum dos conjuntos possuir título, é uma forma de valorizar a relação imediata do observador com o trabalho, evitando qualquer informação adicional. Acredito ser esta uma informação, ou desinformação dependendo do ponto de vista de quem se relaciona com o trabalho, de suma importância, pois possibilita uma maior liberdade de interpretação e relação com o trabalho.

Considerações finais

A intensa experiência vivida durante o trabalho “Mãos”, me fez perceber a constante reestruturação e desdobramentos do ato de criação. A busca do entendimento do trabalho e suas significações, fez parte de um exercício de descobertas de mim mesmo, um processo de interiorização e amadurecimento artístico.

Partir de algo pré definido, a mão, fazendo um retorno à infância e a juventude com experiências vividas e expectativas de mundo até chegar ao conjunto “Mãos” foi um processo que me parece sempre correr no sentido de mostrar suas limitações e de suas possibilidades de ampliação.

A elaboração do conjunto de peças foi se constituindo, tomando formas imaginárias, ao longo de caminhadas na serra, vasta leitura e meditações. O entendimento de conceitos como dominação, opressão, limites e liberdade fizeram parte deste leque de idéias, necessárias para a materialização do trabalho.

Para falar de liberdade humana, por meio de uma linguagem visual, pensei em explicitar sua ausência. Sendo assim o primeiro conjunto de peças foi formado por gaiolas de ferro aprisionando mãos (fig. 8 e 9). Um antagonismo entre prisão e asas ou opressão e liberdade. No segundo conjunto (fig.10 e 11), mãos presas a uma cruz por diferentes objetos (parafuso, válvula de automóvel, telefone celular, controle remoto, mouse de computador) numa alusão à racionalidade do homem contemporâneo, na qual a tecnologia justifica qualquer sacrifício. Na seqüência, um conjunto de mãos acorrentadas (fig.12 e 13), uma referência visual muito forte da escravidão negra, reforçada ainda pela história do local mas que a meu ver, podem representar ainda diferentes tipos de autoritarismo e terror, submissão e impotência, aparentemente invisíveis em nossa sociedade. No quarto conjunto as mãos estão penduradas em ganchos (fig.14 e 15), como carne em açougue, produto pronto para escolha e consumo. A seguir um conjunto formado por mãos e molduras em madeira (fig.16 e 17), quase que como batentes de janela ou nichos, associados com arame farpado que trazem para mim, uma idéia de limites e confinamento. Finalmente o último conjunto (fig.18 e 19), as mãos colocadas sobre uma rocha no meio da trilha, em um local onde o caminho se

abre e podemos contemplar o horizonte e o por do sol. Num breve lampejo de liberdade, erguidas ao céu, estas últimas mãos não foram queimadas, o que permitiria uma lenta decomposição pelas intempéries do tempo. Nesse caso, essa “decomposição” se deu pela ação humana.

Este trabalho só existe no conjunto de interações entre a arte a natureza e o público. Entendo agora serem todas as interferências não controladas, que possam ocorrer durante o processo, tais como a ação da exposição ao tempo, a passagem de animais e a ação do próprio homem, elementos expressivos tão significativos quanto a modelagem a queima das peças, pois imprimem marcas e agregam memórias outras, muito além das concebidas inicialmente, transformando-o continuamente. O possível fato dos conjuntos serem expostos em uma galeria, alteraria toda essa condição pulsante do trabalho, desta forma, as “Mãos” não poderiam ser expostas em um espaço tradicional sem perder parte significativa de sua imprevisibilidade e de seu caráter simbólico. Não estou contudo, dizendo que o mesmo não pode ser apresentado em um ambiente de galeria, mas caso isso aconteça, estaremos diante de um novo trabalho, com novas relações e possibilidades de leitura.

Este trabalho me fez perceber ainda, possíveis desdobramentos: vídeo, fotografia (imagens adicionais), intervenções urbanas e outras paisagens. Como resultado dessa experiência vivida nos últimos meses na elaboração e realização deste TCC, posso dizer ao final, da importante significação, da relação Arte-Natureza como liberdade de criação e da relação do homem e a vida.

Imagens



Fig.1



Figura 2: Michelangelo Buonarroti, *A criação de Adão* (detalhe).



Fig. 3: Mário Mendonça, "Crucificação – minha mão (2004)"



Figura 4: cena do filme 2001 Uma Odisséia no Espaço de Stanley Kubrick



Fig. 5: Interferon Alfa, 2008.



Fig. 6: Andy Goldsworth



Fig. 7: Peter Burke



Fig.8



Fig.9



Fig.10



Fig.11



Fig.12



Fig.13



Fig. 14



Fig. 15



Fig.16



Fig.17



Fig.18



Fig.19

Imagens adicionais:











Bibliografia

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max – *Dialética do Esclarecimento*
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

ECO, Humberto – *A Obra Aberta*
Editora Perspectiva, 2001

SALLES, Cecília. *Gesto Inacabado – Processo de Criação Artística*
São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

O'DOHERTY, Brian – *No Interior do Cubo Branco*
São Paulo, Martins Editora, 2002

SENNETT, Richard – *O Artífice*
Rio de Janeiro: Record, 2012

SILVA, Kleber – *Sobre Dois Processos*
TCC, UNESP-SP, 2003

Sites

www.graememitchel/blog, acessado em 13/04/2013

www.sculpture.org.UK, acessado em 13/04/2013

www.mariomendonca.com.br, acessado em 11/04/2013

www.tumblr.com, acessado em 15/04/2013